



Um pai é espancado: construções na análise de alguns pacientes masculinos*

*Rosine Jozef Perelberg***, Londres

O artigo propõe que a fantasia do pai espancado é um importante organizador na estruturação da vida psíquica e que tem expressão no trabalho de interpretação na análise de paciente masculinos. Inspirado pelas formulações de Julia Kristeva, que relaciona a representação do início da individuação com a fantasia de uma criança é espancada, o autor sugere que a fantasia de espancamento pode ser considerada como parte do desenvolvimento de qualquer indivíduo masculino.

Percorre as idéias de Freud sobre a fantasias primárias e sua reatualização na experiência em termos de après coup. Identifica, na experiência clínica com pacientes masculinos, o aparecimento da fantasia, sugerida por Kristeva, do pai espancado até a morte, como resultado da análise e traz sua crença que seu surgimento e elaboração abrem o caminho para a experiência da temporalidade e historicização. Ilustra com dois exemplos de pacientes, um derivado de sua prática clínica e outro, de um paciente de Karl Abraham.

Descritores: Fantasia primárias. Fantasia do pai espancado. Temporalidade. Individuação. Pacientes masculinos.

* Palestra de Karl Abraham, Berlim, 10 de maio de 2009.

** Analista Didata da Sociedade Psicanalítica Britânica. Professor da University College London.



Neste artigo examino uma fantasia que emerge na análise de alguns homens como resultado dessa análise e sugiro que ela é uma importante organizadora da vida psíquica. Inspirada pelas formulações de Kristeva (Kristeva, 2008), sugiro que essa fantasia se torna uma importante realização na análise de alguns homens, como expressão da constituição de suas escolhas sexuais e identificação masculina. É por meio da construção dessa fantasia no encontro analítico que esses pacientes encontram sua própria temporalidade na cadeia de gerações.

Green (2002a) sugeriu que o encontro terapêutico acontece em diversos níveis. O paciente conta uma história: de suas origens, de sua família ou de seus pais. O analista fica em silêncio, prestando atenção receptiva e suspensa, defrontando-se com as associações livres do paciente. Na situação atual, os nós conflitantes passados do paciente são reativados. Afetos, vida sexual, vida profissional, relações sociais: isso cria um todo indissolúvel, como um trecho de música no qual o analista pode escolher temas e variações e destacar os contornos do complexo de Édipo da infância. O contexto somente tem valor como metáfora para outro conceito (como sonhos, o tabu do incesto, parricídio, matricídio, cuidado materno, etc.). Os derivados dessas questões universais é que são representados no aqui e agora do processo analítico, inserindo-o em uma dimensão temporal.

Nos artigos metapsicológicos, Freud introduz o conceito de fantasias primárias (*Urphantasien*) que estão presentes desde o início, mas somente podem ser reativadas, por assim dizer, na vida de cada indivíduo em termos de *après coup* (ver Freud, 1915, 1916-17, 1918, Laplanche e Pontalis, 1968; Ricardo Steiner, 2003; Perron, 2001; e Perelberg, 2006). Laplanche e Pontalis veem essas fantasias primárias como uma experiência de estruturação. Green sugere a noção da *disposição para reatuação* (2002b). As fantasias primitivas são reatualizadas através da experiência individual. Quais são essas fantasias primárias? Freud sugere que elas sejam castração, sedução e cena primária. Posteriormente, pode-se incluir o complexo de Édipo, que inclui filicídio, parricídio e incesto.

O tema do assassinato do pai permeia os escritos de Freud desde *Totem e Tabu* (1912-13) até *Moisés e o Monoteísmo* (1939). Freud oscila entre a hipótese, por um lado, de que este foi um evento real que aconteceu no passado distante e foi reprimido, mas ainda assim preservado no inconsciente, e, por outro lado, a consideração do *evento* como um mito (Godelier, 1996). Desta forma, apresenta-se um paradoxo: o assassinato do pai é, na visão de Freud, a exigência para a criação da ordem social que, desse ponto em diante, proíbe todos os assassinatos. Entretanto, o pai precisa ser assassinado apenas metaforicamente, pois a exclusão do pai está na origem de muitas psicopatologias, desde violência até psicoses e



perversões (ver Perelberg, 2009). Essas ideias estão essencialmente associadas à centralidade do complexo de Édipo nas formulações de Freud, o que constitui a primeira estrutura simbólica básica e inclui uma rede de conceitos, como o assassinato do pai, a formação do ideal do ego, superego, dessexualização e sublimação (Green, 1992, 2004, 2008, p. 28; Kohon, 1999, 2005b, Perelberg, 2009). O complexo de Édipo retrospectivamente retraduz experiências iniciais em termos de *après coup*. Para Freud, o pai é essencial, como presença na mente da mãe, mas também basicamente como o terceiro elemento que institui a proibição do incesto na relação com a mãe.

Isso implica, primeiramente, a centralidade da constelação triangular e, secundamente, um modelo complexo de temporalidade no qual o passado está sendo constantemente reinterpretado e construído sob uma nova luz e de diferentes temporalidades que coexistem ao mesmo tempo, formando uma estrutura (Perelberg, 2005, 2009).

Neste artigo, sugiro que a fantasia de *um pai espancado até a morte* e suas transformações emerge para determinados pacientes como *resultado* do trabalho de análise e se torna uma potencial apropriação do pai (simbólico), ou seja, o pai como o terceiro. Isso gera um contraste com outras configurações que também encontrei na minha prática analítica, de superar devaneios ou fantasias conscientes que tendem a constituir um atraso no desenvolvimento da relação interna com o pai. Também há um contraste com configurações clínicas em que o filho é realmente violento em relação ao pai (Perelberg, 1999). A fantasia do *pai espancado* não significa necessariamente que é o pai quem esteja sendo explicitamente espancado. É uma *construção* derivada das associações livres e sonhos no encontro analítico, atingida através do trabalho da interpretação.

Mauro: histórico

Quando começou sua análise, Mauro estava com pouco mais de 30 anos, casado e com dois filhos. Ele era Chefe do Departamento de Inglês de uma escola de ensino médio; em algum momento durante sua análise, ele se candidatou, e obteve, o cargo de diretor da escola. Ele vinha fazendo análise cinco vezes por semana há vários anos.

A família de Mauro é da África do Sul. Toda a família foi para a Inglaterra quando Mauro ainda era um bebê. O pai deixou sua mãe quando ele ainda era muito jovem. A mãe criou seus dois filhos sozinha, abrindo uma pequena empresa de serviço de bufê. Ela parece ter sido uma mulher admirável, devotada a seus



dois filhos, e Mauro tem recordações de ter sido muito próximo a ela na infância. Os filhos nunca mais viram o pai desde a separação. A mãe disse aos filhos que ele havia sido violento com ela, e o irmão mais velho lembra algumas cenas.

As sessões que gostaria de apresentar aconteceram no quarto ano de análise.

Quarta-feira

Mauro teve um acidente de carro na semana anterior. Seu carro ficou destruído, mas ele não sofreu lesões. A seguradora lhe pagaria um carro novo. Hávamos feito algum trabalho sobre o significado desse acidente na análise. Nos dias anteriores ao acidente, percebi que Mauro mostrava desinteresse pelas coisas em geral. Isso incluía uma certa apatia conectada com o trabalho e com o que ele enfrentaria no próximo semestre como novo diretor da escola. Na contratransferência, também senti uma leve falta de interesse. Abordei isso em termos das férias de verão que se aproximavam e de seu sentimento de insegurança associado a elas. Na sessão anterior, depois do acidente, formulei uma interpretação sobre seu desejo de um analista/pai protetor. O trabalho de Don Campbell (1995) sobre o papel do pai em um estado pré-suicida me veio à mente naquele momento e pensei sobre as ligações entre sua apatia, minha fuga momentânea dele e o acidente. A sessão que será narrada segue essa interpretação.

Mauro chega e se deita no divã. Ele diz que encontrou um carro em Cornwall pela Internet, que está em boas condições e pertence a um policial, o que inspira confiança. Então ele diz que teve um sonho (já faz algumas semanas que ele não se lembra dos *sonhos*).

Estávamos em um carro. Eu era um dos passageiros e estava com a minha família, minha mãe e meu irmão. Éramos adolescentes e estávamos dando uma volta de carro. Então chegamos a um mercado de rua. Havia fantasias desses personagens no filme Guerra nas Estrelas, uniformes de guardas com máscaras. Eles estavam, de certa forma, alinhados, mas faltavam pedaços de cada um deles. Um deles estava sem as botas... Paramos para sair dali. Então percebi que estávamos usando longas capas de chuva. (Quando eu era criança, costumávamos ir a um mercado em uma cidadezinha próxima, e eu costumava comprar roupas lá. Eu adorava explorar as coisas, era incrível o que havia de porcaria à venda por lá. E também algumas coisas muito legais. Eu comprava essas capas longas que eram bem quentes e ótimas para o inverno. Eu adorava essas roupas.)



No sonho, estávamos usando essas capas. Então, na terceira parte do sonho (a primeira parte foi no carro, a segunda foi no mercado), na terceira parte as pessoas foram embora e eu queria ir ao banheiro. Fui e abri a porta. Havia um velho e seu pênis estava para fora. Passei por ele, e ele pareceu despertar e foi embora. Não havia nenhuma excitação nisso, era mais um sentimento de nojo.

(Silêncio)

“A parte sobre Guerra nas Estrelas me lembra de alguém que começou a lecionar na escola há alguns meses. Chiara recentemente comprou um brinquedo do personagem Darth Vader para seu filho...”

“Chiara foi até meu escritório ontem. O prédio da escola está sendo reformado, e foi colocado um andaime que chega até a janela de nosso escritório. Quando cheguei na escola, vi um jovem operário saindo do andaime e achei que ele era muito atraente...”

(Pausa)

“Darth Vader é pai de um dos personagens no filme. Ele é a autoridade, mas também é perverso. Esses guardas são clones desse personagem. Todos eles se vestem como ele. Na minha mente eles não são nada humanos; esses personagens com máscaras, no sonho há as armações, esses uniformes vazios...”

Analista: Vocês estão todos vestidos com essas longas capas de chuva, como quando você era criança... como Darth Vader, e há todas essas partes faltando; os uniformes estão vazios por dentro...

“Lembro que, quando era criança, queria pertencer a uma instituição uniformizada, como a polícia ou os bombeiros. (Ele próprio fez a ligação): Como o cara que está me vendendo o carro, o policial”. (Silêncio)

“Estava pensando na situação de Carla (outra colega de trabalho). Ela realmente teve um colapso e precisou parar de trabalhar. Imagino como ela está se sentindo agora, pois tudo era público demais, tão exposto... A diretora não lidou com a situação, não percebeu o que estava acontecendo antes, quando Carla pediu licença médica. Ela poderia ter protegido a Carla...”



Analista: Talvez você sinta que também está procurando um pai/analista que possa ser um protetor e não representar as forças negras nem ser repulsivo. Alguém que não deixaria você se sentir envergonhado, não deixaria você exposto, como o homem no banheiro fica; ou como a diretora que deixa Carla tão exposta na frente de seus colegas...

(Pausa)

“Isso me lembra de meu próprio pai, que nunca procura seus filhos (ou que *olha para* seus filhos, penso na máscara que ele referiu e na ausência de um rosto para o qual olhar...)”

(Silêncio). Mauro pensa em uma cena que observou entre sua cunhada e o filho dela no dia anterior:

“A mãe e o bebê estavam brincando de um jogo com dois carros que estavam entrelaçados. O bebê segurava um carro e gritava, sacudindo-o com empolgação. A mãe, Héléne, segurava o outro carro e o puxava gentilmente em sua direção. Ele afrouxava um pouco, esticava a mão e o puxava de novo. (Silêncio) Pode-se falar sobre isso metaforicamente, digamos que esse jogo expressava seu vínculo, sua ligação, o desejo apaixonado entre eles...”

(Silêncio). (Penso em sua empolgação no início da sessão quando me contou o sonho.)

Analista: Talvez seja essa a sensação quando você me traz um sonho.

Mauro sorri... É hora de parar. (Tenho um pensamento de que o mundo das brincadeiras entre mãe e bebê pode ser experimentado como um refúgio/regressão do mundo das forças negras e perversas, atribuído ao pai. Contudo, ao mesmo tempo, também parece o lugar a partir do qual as coisas podem ser exploradas.)

Discussão

No início da sessão o sonho traz consigo uma expressão de temporalidades diferentes: como criança/adolescente com sua mãe e irmão. O que se segue começa a dar uma indicação da busca pelo pai, por um pai protetor, e, no entanto, o que ele encontra é um pai castrador/castrado/vazio. É interessante observar que o pai



aparece na terceira parte do sonho, de forma que o elemento de terceiridade é potencialmente expresso dessa forma, quase em antecipação.

Mauro então me diz que sempre desejou participar de algo que precisasse usar uniforme enquanto crescia. No entanto, há uma indicação repetitiva de algo que está faltando em cada um dos uniformes. Sentimentos de vazio e perda estão relacionados à ausência do pai de sua vida, minha ausência na situação do acidente de carro, uma ausência que é sentida e expressada na impotência que Mauro apresentou no início da análise. É um pai que não está lá para olhar seus filhos, como uma testemunha da relação com a mãe. Os uniformes vazios me transmitem um sentido de um negativo do pai, um não-pai. Isso me parece um pai que ainda não tem espaço na sua mente em uma posição de terceiridade.

A referência é ao passado da infância e também ao passado da análise, em seu começo, tudo evocado no aqui e agora da análise. A imagem do pai que emerge é a de Darth Vader, e a evocação é de Guerra nas Estrelas. Há a referência a trincheiras e à guerra. Esse pai perverso, que expõe seu poder no banheiro, também é o pai desejado. A repulsa sentida no sonho também parece ser uma reação ao anseio por esse pai.

Também pensei que a referência ao jovem operário é uma evocação do desejo erótico homossexual sobre o qual trabalhamos bastante durante a análise. O impulso homossexual é uma solução em potencial para a experiência de sentimentos conflitantes em relação ao pai. Uma interpretação que aborda esse desejo põe Mauro em contato com a decepção com seu próprio pai, e regressivamente o atrai para uma cena entre mãe e bebê que é empolgante, excluindo o pai. Na sessão de quinta-feira, Mauro me contou sobre a brincadeira entre mãe e bebê que o estimulou. Ele disse:

“As crianças podem simplesmente atirar os brinquedos para fora do carrinho se não querem brincar... Estava pensando, depois da sessão de ontem, que Hélène colocou esses dois brinquedos atrás dela; Roberto (o bebê) ficou puxando a camisa dela. Ele não conseguiu encontrá-los e então ela o perdeu. Ele explodiu. É como eu desistindo no passado, antes de me esforçar muito para conseguir...”

Analista: Esconder os brinquedos de plástico evoca o que parece difícil demais no momento com o intervalo. O bebê perde a empolgação e a curiosidade e vai embora. Como você achou que havia perdido interesse nas sessões, ou que *eu* havia perdido interesse em você.



Sexta-feira

Mauro chega e se deita no divã:
“Tive um sonho ontem à noite”.

Havia um grupo de homens, e descobriu-se que um deles fez algo: violou a lei ou alguma coisa assim. Outro homem o atacou, espancando-o e chutando-o até deixá-lo inconsciente. Então apareceu uma mulher, ela estava com esse homem que havia apanhado. Ela não correu imediatamente até ele. Ela tentou discutir com o líder. Estava tentando se insinuar, prometendo algo. O parceiro dela ainda estava no chão. Não ficou claro se ela o estava abandonando ou tentando se insinuar para ajudá-lo. O líder desaparece e ela vai com ele. Faço o caminho de volta a pé e passo por uma confeitaria turca que tem um doce feito de espinafre e queijo feta. A comida era fantástica lá. Passo por ela e penso que vou passar a noite fora e agora sei onde conseguir algo para comer. Estava pensando nesse grupo de homens. Geralmente as pessoas não são chutadas no chão quando violam a lei. Elas fazem parte de alguma sociedade primitiva ou sem leis, onde predomina a justiça brutal. Quando essa mulher tenta se insinuar, há algo de sexual. Isso me incomodou muito.

“Quando acordei, não conseguia lembrar o que o homem no sonho havia feito de errado. Achei que sabia o motivo. Fiquei muito satisfeito com esse sonho, pois tive que me esforçar muito para lembrá-lo. Primeiro lembrei-me da confeitaria, e depois do resto do sonho. Foi o meu caminho para o sonho. Ontem tive que lidar com duas questões importantes. As duas envolviam reuniões com os chefes de departamento de duas pequenas escolas que estão interessadas em trabalhar conosco. Uma foi fundada no ano em que nasci. Encontrei-me com a Chefe do Departamento de Inglês, Marie. Íamos tomar café. Estou quase lá quando ela liga avisando que está atrasada e que mudou o local onde deveríamos nos encontrar. Depois disso, foi como uma história de detetive. Marie ficou ligando e trocando de local. A reunião serviria para que nos encontrássemos para saber um pouco mais sobre o outro, antes de falar sobre negócios. Ela me conduziu a uma perseguição do impossível. No fim das contas, ela me levou a um parque, onde acabou aparecendo. Ela é muito inteligente, mas um pouco maluca. Fiquei escutando o que tinha a dizer por umas duas horas na chuva. Foi um encontro perturbador”.

“Depois eu me encontrei com outro chefe de departamento de outra escola...”



Pausa.

“O cara que ia me vender o carro decidi vendê-lo para outra pessoa. Fiquei muito decepcionado. Estou vendo outro. É um carro fantástico. Quando Christine chegou em casa ontem à noite, disse a ela que estava vendo pornografia na Internet. Esses carros são lindos... Estava me censurando por não ter ido lá ver o carro... Ele realmente me decepcionou...”

Analista: Isso me faz pensar que talvez o homem no sonho estava sendo chutado por decepcionar você...

“Eu realmente me senti chutado ontem por essas duas pessoas. Não posso me dar ao luxo de perder tempo assim. Pensei em como estou furioso...”

“A imagem que me vem à mente é *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann. Esse é um grupo de pessoas civilizadas! Quando eu estava escrevendo o meu sonho, escrevi inconsciente, que ele estava sendo chutado até perder a consciência. A selvageria do inconsciente. O que pode explicar minha raiva?”

Analista: (Estava pensando sobre a alusão a uma atmosfera perversa, sedutora/destrutiva, atemporal no aqui e agora, que é como assistir à pornografia. Eu digo: *Um homem é espancado...* (Pausa) Talvez a mulher que o observa também seja eu. Você se sente vulnerável, à mercê dessa mulher louca e do homem sádico. Essa mulher está passivamente assistindo à cena ou tentando seduzi-lo para que não fique bravo e violento. Isso me lembra do acidente de carro da semana passada, quando você se sentiu muito vulnerável, mas também furioso; no final das contas, a sensação de que eu deixei isso acontecer com você.

“Eu me senti mesmo completamente humilhado deitado lá depois do acidente...”

(Ouve-se um ruído vindo da rua).

“Isso é muito irritante. Deitado aqui, não tenho poder algum. Não posso me levantar e fechar a janela. Me sinto vulnerável”;

Analista: Como as pequenas escolas que estão sendo assumidas por uma grande escola... Ao mesmo tempo, você também fica com raiva por seu desejo de



Rosine Jozef Perelberg

se misturar, e se submeter à mulher volátil que o leva nessa perseguição impossível (como eu durante o intervalo) ou ao homem que espanca o outro...

“Uma maneira de conhecer pessoas é ver o que elas fazem para você, para torná-lo disponível. Marie me fez passar por várias ruas; fiquei à sua mercê...”

(Silêncio por um tempo)

“Cheguei cedo em casa; passei um tempo junto com Christina, o que foi ótimo. Comemos massa ao molho pesto. Estava muito boa, como a confeitaria...”

Analista: Talvez este seja o outro lado de sua experiência aqui. Também é como estar na confeitaria.

(Silêncio)

“Estou pensando que a Christina tinha esse namorado antes, que poderia ter dado a ela um estilo de vida luxuoso. Ela o conheceu na Turquia, e eles ficaram juntos por vários anos...”

(Silêncio).

Analista: Acabou a sessão.

Discussão

A sessão de sexta-feira começa com a narrativa de uma cena na qual um homem é espancado. Há diversas configurações presentes ao mesmo tempo. Mauro parece sentir minhas interpretações sadicamente *espancando-o até ficar inconsciente* ou seduzindo-o para que não fique com raiva de mim. Ao tentar seduzi-lo, eu estaria ignorando a violência do espancamento que continha identificações sadomasoquistas. Mauro se identifica com posições diferentes ao mesmo tempo: ele é o homem violento que espanca o outro, assim como o homem que, de forma masoquista, se submete ao espancamento. Os vários homens que participam do espancamento apontam para a multiplicidade da imagem. O paciente também é o observador da cena, que se torna condensada em *um homem é espancado*. As associações da semana estabelecem uma ligação entre o homem



que está espancando ou sendo espancado com o pai, Darth Vader. Na posição passiva, a cena é homossexual, com a mãe sendo uma observadora. Isso me pareceu ser uma transformação da cena do acidente.

Eu havia reparado no uso da palavra francesa *pâtisserie* (confeitaria), que ele disse ter sido *o ponto de entrada* para lembrar o sonho. No passado ele associara a língua francesa comigo em razão dos livros em francês que viu em meu consultório. Parecia expressar a maneira em que é a experiência no processo analítico que dá acesso – é *o portal*, por assim dizer – para o inconsciente. Isso me lembrou do fim da sessão de quarta-feira e da descrição da brincadeira erótica entre mãe e bebê. Entendi isso como a expressão de sua experiência do aqui e agora na análise. É a partir da experiência de brincadeira e prazer, que naturalmente também contém ambivalência, que outras áreas dessa experiência, outras fontes de ansiedade, podem ser exploradas. Elas ganham representação no sonho. Winnicott sugere que a experiência progressiva de desencanto na relação com a mãe leva às atividades de lembrar, reviver, fantasiar e sonhar e à “integração de passado, presente e futuro” (Winnicott, 1971, p. 12).

Pode-se começar a narrativa dessas sessões em qualquer momento, pois não há somente um relato linear, mas uma estrutura que pode ser compreendida. Na sessão de quarta-feira, na primeira parte do sonho, os adolescentes estavam em um carro com a mãe. Na segunda parte eles chegam a um mercado, onde está acontecendo uma busca. A terceira parte do sonho envolve a figura masculina e seu pênis. Na sequência de associações, e retrospectivamente, é possível entender que a busca é de um pai. A referência à idade pode ser um indicativo do ciclo de vida, da emergência da sexualidade e do desejo de um objeto masculino identificatório. Há uma referência a um *não-pai* nos uniformes vazios, relativa a uma ausência que é realmente um fato na vida de Mauro. O pai que Mauro encontra no banheiro é exibicionista e perverso. Ele deve ter o falo, “a força” (Guerra nas Estrelas), mas essa excitação provoca repulsa, que também é a contraparte do desejo, do desejo homossexual erótico por ele, como um precursor em relação a um desejo de identificação com ele.

O pai estava faltando na vida de Mauro, presente apenas como um aspecto do desejo da mãe. Sua ausência também estava conectada com sua violência em relação à mãe, o que dificulta que Mauro mobilize sua agressão e seu desejo. Se o pai é o terceiro que traz um senso de limite à relação entre mãe e filho, a experiência pode ser que mãe e filho, analista e paciente estão presos em um abraço do qual não há como escapar. Afinal de contas, Cláudia Chauchat, personagem da *Montanha Mágica*, representa tentação erótica, luxúria e amor, todos de uma forma depravada e mórbida. Ela é uma das principais razões para a permanência



prolongada de Castorp na montanha mágica. Ela é a promessa feminina de prazer sensual como obstáculo à ação masculina. Chauchat também tem características felinas: seu sobrenome deriva do francês *chaud chat* (gato quente) e seu prenome inclui a palavra inglesa *claw* (garra).

No aqui e agora da análise, o analista representa o pai como uma expressão das forças malignas, alternando com a mãe, provedora do mundo de brincadeira, desejo e sedução. Isso pode ser sentido como muita excitação e desejo proibido, o que leva a sentimentos de culpa e à cena do espancamento da sessão de sexta-feira. Nessa cena, a mãe aparece mais claramente também como uma sedutora sádica. Na sucessão de sessões, pode-se entender as fantasias de castração, sedução e cena primária. Elas ganham representação nas diversas cenas nos sonhos que, por sua vez, refletem as experiências do processo analítico em si. A analista é pai, mãe, criança, sedutora e protetora, em uma sequência de identificações expressa nas vicissitudes da transferência e contratransferência. Através disso a análise está sempre expressando uma constelação triangular, na qual o pai está sempre presente na mente do analista.

A fantasia do pai espancado até a morte

Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais foi publicado em 1919, em um período de transição entre os modelos de Freud da mente. Como indica Catherine Chabert (2005), a intenção do texto foi considerar a fantasia *Uma criança é espancada* como uma das fantasias de sedução, além de descrever os desenvolvimentos paradigmáticos envolvidos na produção dessa fantasia. Ao mesmo tempo, ela apresentava as representações *infantis* de masoquismo, antecipando trabalhos que ainda apareceriam antes da publicação de *Além do princípio do prazer* (1920) e *O problema econômico do masoquismo* (1924), que estabelece a ligação entre amor e castigo, excitação e dor. A mudança entre as cenas da fantasia do espancamento, sugere Chabert, é um movimento essencial da análise, “uma maneira de abrir posições de identificação no movimento” (2005, p.226) entre atividade e passividade, sadismo e masoquismo, representações e ações.

Chabert sugere que a emergência da fantasia *Uma criança é espancada* não ocorre em todas as análises. Entretanto, Chabert argumenta que essa fantasia é uma das traduções da fantasia de sedução ligada à cena primária, pois “ela apresenta o conjunto completo de características das fantasias originárias: suporte visual, mesmo panorâmico, essencial para dar-lhes uma forma, e a posição passiva



atribuída ao sujeito na cena primária e na castração” (2005, ver página 228).

É paradigmático do encontro analítico, indicando a extensão dos processos identificatórios nele disponíveis.

Uma criança é espancada é crucial no desenvolvimento teórico de Freud e sugere uma ligação entre masoquismo, feminilidade (em homens e mulheres, eu diria) e os sentimentos de culpa produzidos por desejos incestuosos em relação ao pai, desejos que são reprimidos e reconstruídos no processo analítico.

No sonho e nas associações de Mauro, pode-se identificar as transformações da cena do espancamento. A mãe é perversa; ela observa ou seduz. O pai espanca ou é espancado.

Kristeva sugeriu que a fantasia de *uma criança é espancada* pode ser vista como

[...] representação do início da individuação, aquele momento decisivo em que o sujeito constitui a si próprio, começando com sua *escolha sexual*, e depois como identidade de fala na estrutura ternária do relacionamento edipiano. Eu, masculino ou feminino, excluído da cena primária, procuro meu lugar entre mãe e pai para marcar minha diferença e encontrar meu lugar entre os laços, inseparavelmente aqueles de amor e fala, eróticos e significantes (2008, p. 177).

Uma transformação da cena é aquela de um *pai espancado até a morte* que Kristeva propôs em um artigo recente, uma nova leitura de *Totem e tabu* sob a luz de uma interpretação de *Uma criança é espancada*.

Kristeva sugere que a fantasia de *um pai espancado até a morte* se encontra na base da fé cristã, levando a uma ressexualização do pai ideal. De uma perspectiva da experiência clínica, *cheguei à conclusão de que ela é uma elaboração essencial na análise de muitos pacientes masculinos*. Talvez seja mais importante quando o pai externo não esteve suficientemente presente para ser simbolicamente assassinado ou espancado até a morte. O sonho de espancar o pai se tornará uma realização da análise, como expressão da realização dos sentimentos ambivalentes em relação ao pai.

Em um artigo anterior, identifiquei essa fantasia, expressa em um sonho, e as associações na situação da transferência (Perelberg, 2007). Relacionei a cena do espancamento à situação analítica e sugeri que há uma *dimensão masoquista, erótica da relação primária* [com a mãe] que *é evocada em todas as relações e é uma parte intrínseca do contexto analítico*. *Essa ideia traz o trauma para o centro da experiência analítica* (2008, p. 145).



A visão de Freud apresenta um paradoxo: se o assassinato do pai é a exigência para a criação de uma ordem social e psíquica, o pai, no entanto, precisa ser assassinado apenas metaforicamente, como o resultado do complexo de Édipo e a origem do superego. A fantasia do *pai espancado até a morte* torna-se uma realização importante da análise. Ela abriu o caminho para uma identificação masculina mais forte, para a mobilização de sentimentos de raiva e violência, bem como a potencial capacidade de usar a agressão de maneira mais criativa.

Somos lembrados do Homem Rato, quando ele conhece o prazer da relação sexual pela primeira vez: “Isso é glorioso! Pode-se matar o próprio pai por isso!” (1909, p. 201).

Em memória de Karl Abraham

A ligação entre as fantasias de espancamento e o papel do pai em relação ao complexo de Édipo foi discutida por Abraham em seu artigo *A Short Study of Development of the Libido in the Light of Mental Disorders (Um breve estudo do desenvolvimento da libido à luz dos distúrbios mentais)*, escrito em 1924. Nesse artigo, Abraham elabora a relação entre melancolia e neurose obsessiva em relação à organização anal-sádica da libido. Ele sugere que, quando pessoas melancólicas sofrem uma decepção insuportável de seu objeto de amor, elas tendem a expelir esse objeto como se fosse fezes e destruí-lo. Isso gera um contraste com a relação neurótica obsessiva com seu objeto: embora o indivíduo tenha medo de perdê-lo, ele acaba mantendo-o (1979, p. 421). A tendência do indivíduo melancólico é destruir o objeto; a pessoa obsessiva controla-o. Obviamente, Abraham acrescenta, sintomas obsessivos podem estar presentes na melancolia, ao mesmo tempo em que experiências depressivas ocorrem na neurose obsessiva. A distinção entre esses dois aponta para uma diferenciação dentro do estágio anal-sádico, sendo que a linha divisória se encontra onde o “amor-objeto” começa (1979, p. 432).

Abraham relata um sonho repetitivo de infância de um de seus pacientes. Esse sonho, da época em que o paciente tinha cerca de cinco anos de idade, foi evocado por outro sonho que o paciente teve na noite anterior. Nesse último sonho, o paciente ficou todo confuso no roubo de alguns livros. Abraham interpretou o sonho recente em termos do material edipiano (roubando da mãe e castrando o pai). Entretanto, esse sonho recente evocou sentimentos no paciente conectados com o sonho muito mais antigo, de infância, apresentando a seguinte narrativa:



Eu estava parado na frente da casa dos meus pais, onde nasci. Uma série de carruagens subiu a rua. Normalmente, a rua era tranquila e deserta. Cada carruagem era puxada por dois cavalos. Um condutor caminhava ao lado dos cavalos e os batia com seu chicote. A carruagem tinha laterais altas, de forma que eu não consegui ver o que havia dentro. Havia algo misterioso nela. Embaixo dela havia um homem amarrado e arrastado por uma corda. Havia uma corda em volta de seu pescoço, e ele apenas conseguia respirar com muita dificuldade e em grandes intervalos. A visão desse homem que não conseguia nem viver nem morrer me afetou demais. Então, para meu horror, vi que duas outras carruagens seguiam a primeira, e cada uma apresentava o mesmo espetáculo. (1979, p. 466).

O paciente associa o condutor com seu pai, e Abraham entende o uso do chicote como a representação do pai tendo relações sexuais com sua mãe (*espancamento*). No entanto, o que aconteceu foi que o homem amarrado estava conectado com alguém sendo esmagado durante a cópula (sua dificuldade em respirar), representando assim, segundo Abraham, uma inversão da posição do homem conforme de fato observado pela criança (1979, p. 467)

Abraham também sugere que o sonhador foi representado em pelo menos três diferentes figuras; como o observador, como o cavalo e como o homem amarrado (1979, p. 466).

Considerando esse sonho sob a perspectiva das discussões desenvolvidas neste artigo, a cena em que o homem está sendo arrastado por uma corda sem conseguir *nem viver nem morrer* também pode ser interpretada como a expressão da fantasia de um *pai espancado* pelo filho. Em nível consciente, Abraham nos diz, o espancamento dos cavalos se relacionava ao frequente castigo corporal que seu pai havia infligido. Na fantasia de espancamento do pai, sugiro que haja uma reversão dessa cena, e no sonho há um deslocamento para os cavalos. A multiplicação das carruagens que passavam uma atrás da outra pode significar a multiplicidade da presença dessa fantasia no inconsciente, reminescente do fato de que, no sonho do homem lobo, também há uma multiplicidade de lobos. A multiplicidade também pode ser vista como uma indicação de medo de perda e da ameaça de castração, como as várias serpentes na cabeça da Medusa. Associações subsequentes ao sonho parecem confirmar essa hipótese, incluindo o seguinte sonho:

Vi uma parte do corpo nu de E., apenas a parte do meio. Seus seios e genitais estavam cobertos. Essa parte do corpo formava uma superfície



plana e não tinha umbigo. Onde o umbigo deveria estar de repente surgiu algo como um órgão masculino. Toquei-o e perguntei a E. se ela conseguia senti-lo. Ele agora começou a inchar um pouco, e eu me assustei e acordei” (1979, p. 467).

Abraham indica um pouco de seu entendimento desse sonho em termos do corpo inteiro representado como um seio e do intenso desejo do melancólico pelo estado feliz quando ele ainda estava no seio da mãe. Entretanto, esse sonho também pode ser entendido em termos das dificuldades desse paciente em aceitar a diferenciação entre os gêneros e a realidade da castração das mulheres. Essa interpretação é confirmada quando lemos no texto que o paciente compara os sentimentos de horror no sonho com a visão da cabeça da Górgona, que Freud havia interpretado em um texto anterior como o horror em relação à castração das mulheres (Freud, 1923). Isso poderia, então, estar associado à ansiedade conectada com o sonho do espancamento, que foi sentido como uma “cena no inferno” (p. 466), e às dificuldades em aceitar seus sentimentos assassinos em relação ao pai. Após o sonho o paciente de fato contou a Abraham que ele se sentia como um “menino de cinco anos que, de certa forma, havia se perdido” (pp. 467-468). Alguns dias depois de relatar seu sonho, o paciente teve a fantasia de querer empurrar um homem que ele associava com seu pai para *algum lugar escuro e estrangulá-lo com suas mãos*. Abraham interpreta isso como a representação do ato edípiano. Ele sugere uma *paratimia primária* resultante do complexo de Édipo do menino. O melancólico, segundo Abraham, tende a se sentir decepcionado, traído ou abandonado por seu objeto de amor.

Abraham distingue duas tendências na fase anal-sádica: uma mais primitiva, de expelir o objeto (evacuação) e destruí-lo, e outra posterior, de retenção e controle do objeto. Neste artigo, sugiro que a fantasia do espancamento pode ser considerada como parte da tarefa de desenvolvimento de qualquer indivíduo masculino, no limite entre a organização anal-sádica e a configuração edípiana. A internalização dos impulsos sádicos em relação ao pai e sua elaboração podem ser vistas como uma importante tarefa de desenvolvimento para o paciente masculino. Minha opinião é de que essas fantasias precisam acontecer no contexto de uma experiência relativamente segura na relação precoce com a mãe, que foi o caso de meu próprio paciente, Mauro. Isso contrasta com o paciente de Abraham, para quem a multiplicidade da cena de seu sonho repetitivo de infância parece indicar uma falta de elaboração da distinção entre os sexos.





Conclusões

Neste artigo sugeri que a fantasia do *pai espancado* é um importante organizador na estruturação da vida psíquica. Ela aparece nas análises de alguns homens como resultado da análise. Isso contrasta com a experiência de alguns pacientes masculinos que de fato espancaram seus pais ou têm devaneios repetitivos de espancar outros homens. A fantasia do *pai espancado* não precisa conscientemente envolver o pai real; o pai aparece como resultado do trabalho interpretativo. Está-se destacando uma fantasia dinamicamente inconsciente. Discuti dois exemplos, um dos quais derivou de minha própria prática clínica. Sugeri que outro relato encontrado na literatura – o do paciente de Karl Abraham – apresenta um exemplo semelhante, porém contrastante. Um sonho repetitivo de infância indica uma fantasia mais persecutória, ainda não elaborada da mesma maneira como em meu próprio paciente.

O mito de Freud, no qual o pai precisa ser assassinado para ser erigido como terceiro elemento, parece-me ser um relato mítico do processo de crescimento, em que os pais precisam ser destruídos pelo adolescente para que ele cresça e estabeleça um sentido sólido de identidade sexual (Perelberg, 2009).

A elaboração do complexo de Édipo e o abandono das fantasias incestuosas situam o indivíduo em uma dimensão temporal. O objeto precisa ser conquistado para ser perdido e, a seguir, representado, como Freud indica com a análise do jogo do fort-da. Isso exige o enfrentamento do desejo de matar o pai, ou *espancar o pai até a morte*, como foi possível na análise de Mauro.

Agora encontrei essa fantasia do *pai espancado* em diversas análises de pacientes masculinos (ver também Perelberg 2007, 2009) e sugeri que é uma realização essencial na análise de muitos pacientes masculinos. Ela inicia o processo de luto que permite começar a experiência de sua própria temporalidade e historicização. □

Abstract

A father is beaten: Constructions in the analysis of some male patients

The paper proposes that the fantasy of the *beaten father* is an important organizer in structuring psychic life and that it expresses itself in the work of interpretation during the analysis of male patients. Inspired by Julia Kristeva's postulations, who relates the representation of the beginning of individuation with the *a child is*



Rosine Jozef Perelberg

beaten fantasy, the author suggests that the fantasy of beating may be considered as part of the development of any male person.

The paper goes through Freud's ideas on primary fantasies and their updating to the present times in the experience as *après coup*. It identifies, in the clinical experience with male patients, the appearance of the fantasy, suggested by Kristeva, *of the father beaten to death*, as a result of the analysis, and brings her belief that its appearance and working-through open the door for the experience of temporality and historicization. The author illustrates with two examples, one of a patient from her own clinical practice, and one from Karl Abraham.

Keywords: Primary fantasies. Fantasy of the beaten father. Temporality. Individuation. Male patients.

Resumen

Un padre es azotado: Construcciones en el análisis de algunos pacientes masculinos

El artículo propone que la fantasía del *padre azotado* es un importante organizador en la estructuración de la vida psíquica y que tiene expresión en el trabajo de interpretación en el análisis de pacientes masculinos. Inspirado por las formulaciones de Julia Kristeva, que relaciona la representación del inicio de la individuación con la fantasía de *un niño es azotado*, el autor sugiere que la fantasía de azotamiento puede considerarse como parte del desarrollo de cualquier individuo masculino.

Recorre las ideas de Freud sobre las fantasías primarias y su reactualización en la experiencia en términos de *après coup*. Identifica, en la experiencia clínica con pacientes masculinos, el apareamiento de la fantasía, sugerida por Kristeva, *del padre azotado hasta la muerte*, como resultado del análisis y trae su creencia que su surgimiento y elaboración abren el camino para la experiencia de la temporalidad e historicización. Ilustra con dos ejemplos de pacientes, uno derivado de su práctica clínica y otro de un paciente de Karl Abraham.

Palabras llave: Fantasías primarias. Fantasía del padre azotado. Temporalidad. Individuación. Pacientes masculinos.



Referências

- ABRAHAM, K. (1924). A short study of the development of the libido viewed in the light of mental disorders. In: *Selected Papers on Psychoanalysis* London: Maresfield Reprints 1979, p. 418-501.
- CAMPBELL, D. (1995). The Role of the Father in a Pre-Suicide State. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 76, part 2: 315-323. Also in Perelberg, R J (Ed) *Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide* London: Routledge, 1999.
- CHABERT, C. (2005). Clinical and Metapsychological Thoughts Derived from *A child is being beaten*. In: Perelberg, R. J. (Ed) *Freud: A Modern Reader* London: Wileys.
- FREUD, S. (1909d). Notes Upon a Case of Obsessional Neurosis *S.E.* 10: 153.
- _____. (1912-13). Totem and Taboo. *S.E.*, 13:1-162.
- _____. (1916-17). Introductory Lectures on Psychoanalysis. *S.E.*, 16.
- _____. (1917b [1915]). Mourning and Melancholia. *S.E.*, 14: 237-258.
- _____. (1918a). From the History of an Infantile Neurosis. *S.E.*, 17: 3-123.
- _____. (1919a). A Child is Being Beaten: A Contribution to the Study of the Origin of Sexual Perversions. *S.E.*, 17: 177.
- _____. (1920). Beyond the Pleasure Principle. *S.E.*, 18:7-64.
- _____. (1923). The infantile genital organization: interpolation into the theory. *S.E.*, 19:141-145.
- _____. (1924). The Economic Problem of Masochism. *S.E.*, 19:159-170.
- _____. (1939). Moses and Monotheism. *S.E.* 23.
- GODELIER, M. (1996). Meurtre du père ou sacrifice de la sexualité. In: Godelier, M. et Hassoun, J. (Eds) (1996) *Meurtre du Père Sacrifice de la sexualité: approches anthropologiques et psychanalytiques*. Paris: Arcanes.
- GREEN, A. (1992). *La Déliaison*. Paris: Belles Lettres.
- _____. (2002a). *Idées Directrices pour une Psychanalyse Contemporaine*. Paris: PUF.
- _____. (2002b). *Time in Psychoanalysis: some contradictory aspects*. London: Free Associations
- _____. (2004). Thirdness and Psychoanalytic Concepts. *Psychoanalytic Quarterly*, LXXIII: 99-135.
- _____. (2008). The construction of the lost father in Kalinich, L. and Taylor , S. (Ed) *The Dead Father: a psychoanalytic enquiry*. London: Routledge, pp. 23-46.
- KOHON, G. (1999). *No Lost Certainties to be Recovered*. London: Karnac Books.
- _____. (2005b). The Oedipus Complex. In: Budd, S and Rusbridger, R. (Eds.) (2005). *Introducing Psychoanalysis: Essential Themes and Topics*. London: Routledge.
- KRISTEVA, J. (2008). A father is beaten to death. In: Kalinich, L. and Taylor , S. (Ed). *The Dead Father: a psychoanalytic enquiry*. London: Routledge pp. 175-187.
- LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J.-B. (1968). Fantasy and the Origins of Sexuality. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 49: 1-18.
- PERELBERG, R. J. (1999). A Core Phantasy in Violence in Perelberg, R J (Ed) *Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide*. London: Routledge pp. 87-108.
- _____. (2005). Unconscious phantasy and *après coup*: From the history of an infantile neurosis in Perelberg, R. J. (2005) (Ed) *Freud: A Modern Reader*. London: Whurr Publishers.
- _____. (2006). Controversial Discussions and *Après-Coup Intern. J. Psychoanal.* 87: 1199-1220. Also in Perelberg, R. J. (2008). *Time, Space and Phantasy*. London: Routledge.
- _____. (2007). Space and Time in Psychoanalytic Listening *Intern. J. Psychoanal. Intern. J. Psychoanal.* Also in Perelberg, R. J. (2008) *Time, Space and Phantasy*. London: Routledge.
- _____. (2009). Murdered father; dead father: revisiting the Oedipus complex. *International J. of Psycho-anal.* Forthcoming.



Rosine Jozef Perelberg

PERRON, R. (2001). The Unconscious and Primal Phantasies. *The Int. J. of Psycho-Anal.*, 82: Part 3: 583-595.

STEINER, R., Ed. (2003). *Unconscious Phantasy*. London: Karnac Books.

WINNICOTT, D. (1971). *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 09/09/2009

Aceito em 27/10/2009

Rosine Jozef Perelberg

35 Hodford Road, NW11

8NL Londdon, UK

e-mail: rperelberg@perelberg.com

© Revista de Psicanálise – SPPA